Textos autobiográficos e outros escritos, de Jean-Jacques Rousseau

Filino Carvalho Neto¹

O leitor de língua portuguesa, com os *Textos autobiográficos e outros escritos*, tem mais uma oportunidade de travar contato com a instigante figura de Jean-Jacques Rousseau. Através da tradução de Fúlvia Moretto (que igualmente escreve a “Introdução” e várias notas), mais uma vez confrontamo-nos com os textos do pensador genebrino que se relacionam a um empreendimento que lhe é dos mais caros: mostrar-se tal como ele se julga ser, sem obstáculos de qualquer espécie.

De início, a referida obra já nos chama a atenção por ser fruto do trabalho de tradução de Fúlvia Moretto: efetivamente, trata-se de alguém que já apresentara grandes contribuições aos estudos sobre Rousseau em língua portuguesa ao ter vertido, para o nosso idioma, outras obras do autor genebrino – dentre elas, os *Devaneios do caminhante solitário*, cuja versão para o português foi objeto do Prêmio Nacional de Tradução de 1987, concedido pelo Instituto Nacional do Livro. Dessa forma, Fúlvia Moretto demonstra a intimidade necessária com o vocabulário rousseauiano para não apenas verter os textos autobiográficos do *citoyen de Genève* para o nosso idioma, mas igualmente para situá-los devidamente no conjunto da obra e na vida do autor, como faz na breve e esclarecedora “Introdução” do livro. Reforça ainda o empreendimento dessa edição a revisão técnica efetuada por Thomaz Kawauche, atualmente doutorando da Universidade de São Paulo, estudioso da obra de Rousseau.

Com a reunião desses textos, deparamo-nos com um Rousseau que, de modo análogo às *Confissões*, não hesitará em descrever-se “sem disfarces, sem modéstia”², como escreverá na primeira das quatro cartas endereçadas a Malesherbes. Essa correspondência, de modo particular, não deveria ter chegado ao

¹ Mestrando do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria das Graças de Souza. Membro da comissão editorial dos Cadernos de Ética e Filosofia Política. E-mail: filinoneto@gmail.com.

² ROUSSEAU, *Textos autobiográficos e outros escritos*, p. 23.

conhecimento do público, caso fossem seguidas as instruções dadas por Rousseau naquela primeira missiva ao diretor da *Librairie*. Tendo vindo, porém, à luz, essas cartas dão testemunho da situação do genebrino no período compreendido entre a publicação (e grande sucesso) da *Nova Heloísa* e as publicações (e condenações) do *Emílio* e do *Contrato social*. Nessa época, Rousseau já rompera com Diderot e vários outros e opõe, nessa correspondência, a vida em Paris (a sociedade dos homens) à solidão que, àquela época, gozava. Desse modo, o pensador genebrino exporá a Malesherbes a sua rotina; longe de Paris (da sociedade dos homens), Rousseau louvará a condição de isolamento em que se encontra: doravante, tendo a companhia de alguns poucos (e ainda assim, em alguns períodos do dia) e de seus animais, o genebrino vê-se livre do jugo da opinião alheia e permite-se travar um contato bastante íntimo com a natureza. Na terceira carta isso fica patente quando Rousseau escreve que “já então, com passos mais tranquilos, ia procurar algum lugar selvagem na floresta, algum lugar deserto, onde nada vindo mostrar a mão dos homens viesse anunciar a servidão e a dominação, algum asilo onde pudesse crer ter sido o primeiro a penetrar e onde nenhum outro importuno viesse interpor-se entre a natureza e mim”.³ Acerca dessa passagem, a tradutora observa na nota 4 que “o tom e o estilo já anunciam com dezesseis anos de antecedência os das *Rêveries*”.⁴ Fúlvia Moretto assinala, ainda na “Introdução”, que as cartas a Malesherbes “ficarão como a expressão de uma sinceridade, de uma verdade e até de um estilo, que parecem comandar o resto de sua obra”.⁵

Essa verdade e esse estilo rousseauianos reaparecem com toda força no *Fragmento biográfico*, nos *Sentimentos do público sobre minha pessoa nos diversos estados que me compõem* e no texto intitulado *Meu retrato* – a tradução deste último, contudo, é que talvez contenha o único reparo a ser feito nessa tradução: o item número 34 traz a passagem “por ter folheado Montaigne”⁶ e, logo após, a nota 5 informa que se trata de “Michel de Montaigne (1533-92). Rousseau escreve segundo a grafia da época”.⁷ O primeiro tomo das *Oeuvres*

3 ROUSSEAU, *Textos autobiográficos e outros escritos*, p. 39.

4 in ROUSSEAU, *Textos autobiográficos e outros escritos*, p. 39.

5 MORETTO, “Introdução”, in ROUSSEAU, *Textos autobiográficos e outros escritos*, p. 11-12.

6 ROUSSEAU, *Textos autobiográficos e outros escritos*, p. 87.

7 in ROUSSEAU, *Textos autobiográficos e outros escritos*, p. 87.

complètes da Pléiade, contudo, traz grafado o nome “Montagne”⁸ – isso, todavia, não desmerece a tradução do texto. Ainda em *Meu retrato*, vemos em Rousseau a preocupação em ter de estar sob a dependência de alguém até nas situações mais rotineiras, ao escrever que “nem mesmo gosto de perguntar pela rua onde tenho afazeres, porque dependo, neste ponto, daquele que vai me responder. Prefiro vagar duas horas procurando inutilmente; trago um mapa de Paris no bolso”.⁹ Mais adiante, lê-se entretanto que o genebrino não se vê tão independente quanto poderia parecer à primeira vista, posto que “insensível à cobiça, sou muito ligado à posse; não me preocupo absolutamente em adquirir, mas não posso suportar a perda, e isso tanto na amizade quanto nos bens”.¹⁰

Já nos *Esboços das confissões* encontramos Rousseau anunciando a originalidade do projeto de se pôr inteiro aos olhos do leitor, afirmando que desconhece outro homem que tenha ousado tarefa semelhante¹¹, num tom que antecipa as primeiras linhas do livro I das *Confissões*. Também nesses mesmos *Esboços* o autor já tratava da importância dos fatos ocorridos no período da infância, que a seu ver teriam implicações diretas no caráter de um adulto: Rousseau alude a uma grande aversão que sente ao se defrontar com situações de injustiça – e até ressalta que tal sentimento o acomete de modo mais profundo quando se depara, na qualidade de testemunha, com uma situação dessa natureza, do que quando é vítima de um ato que considera injusto – e remete a fonte desse sentimento invencível ao episódio do pente quebrado. Essa explicação dada por Rousseau acerca da origem desse seu sentimento de aversão à injustiça, bem como outras passagens em que o genebrino remete a fatos que poderiam passar desatentos aos olhos de outro observador e que, contudo, revestem-se de grande significação para a compreensão do próprio Rousseau, constituem campo fértil para um investigador dos nossos tempos – ou ainda, utilizando a expressão de Fúlvia Moretto, para os “nossos olhos pós freudianos”.¹²

Com os textos *Sobre o assunto e a forma deste escrito* e *História do precedente escrito* vislumbramos Rousseau descrevendo as dificuldades que

8 ROUSSEAU, *Oeuvres complètes*, t. I, p. 1128.

9 ROUSSEAU, *Textos autobiográficos e outros escritos*, p. 85.

10 ROUSSEAU, *Textos autobiográficos e outros escritos*, p. 86.

11 ROUSSEAU, *Textos autobiográficos e outros escritos*, p. 93.

12 MORETTO, “Introdução”, in ROUSSEAU, *Textos autobiográficos e outros escritos*, p. 10.

cercaram a confecção dos *Diálogos* (obra ainda inédita em nossa língua) bem como a certeza de uma perseguição em relação à sua pessoa. A narração da sua tentativa em depositar o manuscrito dessa obra no altar de Notre-Dame é um dos acontecimentos simbólicos desse período de conspiração da qual o genebrino acreditava-se vítima e que, como última resolução, decide ceder ao seu destino, sem mais se deixar afetar pelos atos de seus detratores. Com isso, Rousseau afirma que poderá “morrer em paz”.¹³ E é digno de nota que tal resolução tenha sido tomada pelo genebrino em virtude da lembrança de um trecho do *Emílio*, que o fez concluir que “em vão criarão um J.-J. à moda deles, Rousseau permanecerá sempre o mesmo apesar deles”.¹⁴

Fecha essa edição o *Esboço dos devaneios*, um texto dividido em trinta itens em que o autor volta a tratar da sua situação e como, doravante, se comportará perante os seus detratores. O item 27 traz uma pequena lista de possíveis temas a serem tratados ou, ainda, um plano para uma obra que futuramente seria escrita pelo genebrino.¹⁵ Nesse *Esboço*, lemos um Rousseau que volta a tratar do fim da própria vida, afirmando sentir da morte “sem pressa, sua triste aproximação...”.¹⁶

A publicação dos *Textos autobiográficos e outros escritos* constitui, enfim, um louvável empreendimento que vem ao encontro dos anseios dos leitores e dos estudiosos de Rousseau em língua portuguesa. Através da tradução de Fúlvia Moretto, temos a chance de ler em nosso idioma mais alguns escritos do autor genebrino, que nos atraem pelo estilo ímpar e pelo rico conteúdo, denunciando assim sua personalidade inquieta e original.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MORETTO, Fúlvia M. L. “Introdução”. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Textos autobiográficos e outros escritos*. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

13 ROUSSEAU, *Textos autobiográficos e outros escritos*, p. 164.

14 ROUSSEAU, *Textos autobiográficos e outros escritos*, p. 155.

15 A esse respeito, cf. a nota 2 da p. 1172 do texto da Pléiade, elaborada por Bernard Gagnebin e Marcel Raymond (in ROUSSEAU, *Oeuvres complètes*, t. I, p. 1862-1863).

16 ROUSSEAU, *Textos autobiográficos e outros escritos*, p. 178.

NETO, F. C. *Cadernos de Ética e Filosofia Política* 16, 1/2010, pp. 228-232.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Oeuvres complètes*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1959-1995. 5 tomos.

_____. *Textos autobiográficos e outros escritos*. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2009.